

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME IX*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

## **O DOLIUM CINERARIO, COM SKYPHOS VIDRADO A VERDE, DA NECRÓPOLE DE PAREDES (ALENQUER)**

Os objectos adiante estudados constituem o mobiliário de um *dolium*, utilizado como urna cineraria, o qual foi encontrado por Hipólito Cabaço, quando em 1934(1) descobriu e explorou parte de uma extensa necrópole lusitano-romana, situada no termo da freguesia de Santo Estêvão de Alenquer, entre Paredes e Sete Pedras (2), numa área de cerca de 1 km<sup>2</sup> de tumulizações sucessivas por incineração e inumação.

As peças pertencem hoje às colecções do Museu Municipal daquela Vila, e estão agrupadas nas cotas 1820, 1826 a 1830, 1857, 1861, 1862 e 2242 do inventário geral do achador, onde a ficha 2243 refere ainda uma lápide, a qual teria sido retirada de junto do dólio. Monumento infelizmente fragmentado e incompleto, precioso por identificar o defunto, é um epitáfio em brecha cor de rosa, de que restam as seguintes palavras:

**Q - V** .....  
TERENTIA.....  
CIA • MATER.....  
SIT • TIBI • TERRA • LEVIS

(1) Hipólito Cabaço e Eugénio Jalhay, «Estela funerária de Alenquer», *Revista de Arqueologia*, Lisboa, 1935, t. 2.º, fase. IV, pp. 110-113; Luciano Ribeiro, *Alenquer*, Lisboa, 1936, p. 35.

(2) Emáni Barbosa, *Alenquer ñas épocas pré e proto-históricas* (dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Lisboa), 1955.

Pode talvez deduzir-se que este voto foi dedicado a um *Q(uinius) V(alerius)* por *Terentia*, decerto a esposa, e por sua mãe, como se lê na terceira linha.

O tipo de letra é o do século i d.C.

Luciano Ribeiro alude à inscrição a pp. 36-37 da obra *Alenquer*.

Tem muito interesse recordar o que se tem escrito sobre os vestígios arqueológicos da estação em causa. Diz assim o P.<sup>o</sup> Luís Cardoso (3):

«E outra pedra, que é uma meia columna redonda a que os romanos chamavam cippo, que os annos passados estaua na quinta de André Brauo, que hoje é de seu filho João de Sousa Chichorro, e agora anda arrastada pelo chão, na horta chamada de el-rei, junto ao rio, a qual possui o mesmo João de Sousa Chichorro e cuja legenda he:

#### IMP-CAES

DIVI • TRAIAN! • PARTHICI • F • DI  
VI • NERVAE • NEPOS • TRAIANVS  
HADRIANVS • AVG • PONT • MAX  
TRIB • POT • XVIII • COS • III • P • P •  
REFECIT (4)

(...) Na sobredita quinta do Brauo, se descobriu ha poucos annos com um arado uma pedra antiga e debaixo della uma caueira humana e ha mais annos se acharam algumas sepulturas, e arcas de pedra de muita antiguidade, e, ainda ahi se estam uendo curiosos vestigios d'hum sumptuoso edificio, no curioso pauimento dhuma casa que serue hoje de adega. Disto faz memoria o *Santuário Mariano*, T. II, lib. 2,2, tit. 33».

Nas *Memórias Parochiaes* (5) lê-se que «Por bayxo desta villa nesta freguezia no sitio chamado antigamente *Villa Vedra*, e hoje as *Paredes* ha humas grossas muralhas antiquissimas, que hauia tradiçam serem principio das de pouoaçam que aly se intentara fazer e por isso lhe chamauam *Villa Vedra*: porem dezentulhandose ha poucos annos

(3) *Diccionario Geographico*, Lisboa, 1747, t. I, pp. 240-241; *O Arch. Port.*, Lisboa, 1895, vol. I, pp. 157-158; Américo Costa, *Diccionario Chorographico*, Porto, 1929, vol. I, pp. 500-519.

(4) *C.I.L.y* II, 4633.

(5) *Memórias Parochiaes*, Memória do Prior de São Pedro da Silveira, 1758 t. II, fol. 388 e ss.; *O Arch. Port.*, Lisboa, 1896, vol. II, pp. 177-192.

as ditas muralhas se viu que por dentro delias hia uma calha, ou canno com sua adufa no fim tudo de cantaria bem laurada, que notoriamente mostrava ser conducto de agoas, que parece que dahy se encaminhauam para o edefiçio que hoje he a quinta de Santo Andre, vulgarmente do Brauo (...) na qual ainda mostram alguns vestigios de lauor Mozayco, e ha poucos annos que della se mudou para outra parte um çipo ou pequena columna redonda com hum Letreiro em breues de Letra romana bem destinta, o qual trasladou e emprimio o dito Frey Agostinho de Santa Maria no *Mariano*, e declaram que o Imperador Hadriano filho de Trajano i Neto du Nerva ali mandara reedificar aquella obra».

O tal cipo, do primeiro quartel do século ii, pode ver-se na segunda capela do lado da Epístola do Convento do Carmo, e fora também referido em 1740, no *Ano Noticioso e Histórico por Luís Mattoso*, como transcreve Justino Mendes de Almeida, em «Antiguidades Várias», in *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1968, Série III, Vol. II, pp. 107-108. Quanto à esteia funerária, publicada por Hipólito Cabaço e Eugênio Jalhay, jacente junto ao *dolium* ora referido, fizemo-la recolher ao depósito onde neste momento se encontram armazenadas as colecções de Alenquer. É susceptível de ser situada no século i, quer pelos elementos decorativos, quer pelo tipo dos caracteres empregados, quer pela brevidade da própria inscrição, sumário epitáfio de três enterramentos :

G • IVLVS • CAPITO • H • S •  
 MAELA • LONGINIE • H • S •  
 RVFVS • SILONIS • F • H • S •

Ainda na mesma Quinta do Bravo foi há tempo descoberta, ao proceder-se à abertura de um poço, uma pequena ara de mármore com a seguinte inscrição:

CL • T • P •  
 V - S -

J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira dataram-na da segunda metade do século i d.C. e deram dela a seguinte leitura: Cl (audia) T(...) P(...) /v(otum) s(olvit) (5a).

(5a) Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira, «Varia epigraphica (nova série). VIII. Uma árula de Alenquer», *Revista de Guimarães*, LXXVI (1966), pp. 25-26.

Para concluir, transcreva-se o derradeiro epitáfio conhecido da necrópole, gravado num mármore branco intacto:

D-M  
 LABERIA • M • F • A  
 MOEN • XXXII  
 H • S • E • Q • I • NERVA • M  
 ARITUS • F • C

A letra é do século i e o monumento está também no Museu de Alenquer, tendo-se-lhe referido Luciano Ribeiro, na obra citada, a pp. 33.

#### o DOLIUM (Est. VI)

Pasta bem cozida, grosseira, cor de areia.

Bordo virado para fora, formando ângulo agudo com as paredes de um largo bojo ovoide; pé direito, muito baixo, contracurvado. Conserva intacta uma das asas, estriada ao meio. A outra foi mutilada em época remota.

O lábio apresenta fracturas recentes.

Altura: 610 mm. Diâmetro da boca: 350 mm. Diâmetro máximo do bojo: 630 mm. Diâmetro da base: 330 mm.

Estes *dolia* surgem em estratos do século i d.C.. Mas não encontramos paralelo exacto na bibliografia.

#### O MOBILIÁRIO DA SEPULTURA

##### 1 — *Jarrinha* (Est. II)

Cerâmica brunida. Pasta arenosa, micácea, cor de tijolo.

Gargalo alto e estreito, de paredes quase direitas, perpendiculares a um bojo esférico, assente sobre pé baixo, discoide.

Lábio fumado, com algumas fracturas.

Altura: 85 mm. Diâmetro da boca: 60 mm. Diâmetro máximo do bojo: 80 mm. Diâmetro da base: 30 mm.

Trata-se de um perfil filiado em vasos da Idade do Ferro, que parece ter persistido longamente na cerâmica comum romana. Porém, como para o caso anterior, faltam paralelos rigorosos publicados.

2 — *Lucerna* (Est. II)

Fragmento do *infundibulum* e do *margo* com aleta, de urna lucerna moldada, de pasta fina, cinzenta-amarelada, com engobe castanho.

Forma dita de meias-volutas, característica do segundo quartel do século I d.C. embora alguns exemplares tenham sido fabricados até finais do mesmo século (6). Pode filiar-se em lâmpadas gregas dos tipos 52 e 53 da classificação do Museu Britânico, correspondendo ao tipo 72 dessa classificação no tocante às lâmpadas romanas, sendo o tipo 3 Dressel-Lamboglia e o tipo III de Jean Deneauve (7).

É o tipo 86 de Ferreira de Almeida (8), o qual apresenta um exemplar do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, proveniente de Alcácer do Sal.

Lyster Franco encontrou uma lucerna idêntica no conjunto da Horta do Pinto, Faro (9).

Pela datação rigorosa (2.º quartel), cite-se o paralelo publicado por Judith Perlzweig, originário da *agora* ateniense (10).

3 — *Skyphos* (Ests. I e II)

Taça moldada numa pasta branca, finíssima, recoberta por vidro pouco brilhante, verde-ervilha no exterior, amarelo torrado no interior, fracturada mas completa.

Atarracada, a peça tem duas asas em forma de argola, encimadas por uma superfície plana e ornadas com um pequeno botão na base, as quais partem do lábio e aderem ao terço superior das paredes, cujas linhas são direitas, apenas carenadas sobre o fundo liso, assente em pé baixo.

(6) Tihamér Szentléleky, *Ancient Lamps*, Amesterdão, 1969, p. 54, nota 106.

(7) Jean Deneauve, *Lampes de Carthage*, Paris, 1969, pp. 105 e ss.; José António de Almeida, «Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal», *O Arq. Port.*, Lisboa, 1953, 2.ª série, vol. II, p. 44, est. VIII e p. 104, est. IX.

(8) Idem, p. 162, est. XXXVI.

(9) Gonçalo Lyster Franco, «Lucernas Romanas», *Actas à I Congr. Nac. de Arq.*, vol. II, est. 1, fig. 2.

(10) Judith Perlzweig, *Lamps of the Roman Period*, vol. VII de *The Athenian Agora*, Nova Jersey, 1961, p. 79, pi. 4, 80.

O *skyphos* é decorado em toda a volta segundo a lei da repetição alternante em superfície, com duas figuras que perfazem um total de oito, erguendo-se à altura de uma faixa que vai da carena, onde é orlada por canelura, às asas, onde remata com uma estria.

Uma alegoria dionisíaca constitui o motivo ornamental: dois efebos, despídos e de pé, apresentam-se, o primeiro com o tronco de frente, a cabeça virada à direita, os membros inferiores em atitude de marcha, virados à esquerda, segurando, com o braço direito estendido e descaído, um tirso, enquanto o braço esquerdo, curvado, mostra uma coroa da qual pendem drapejamentos; o segundo, virado à direita, mas com a cabeça de frente, segura com o braço o que parece ser uma lira, enquanto a mão direita empunha um objecto pontegudo que é talvez o plectro.

Esta moldagem, de fraca qualidade, resulta num relevo pouco nítido.

Altura: 80 mm. Diâmetro da boca: 100 mm. Altura das asas: 34 mm. Largura da taça nas asas: 163 mm. Diâmetro do pé: 68 mm.

Pela forma, técnica de fabrico e género de decoração, o *skyphos* das Paredes é uma peça do século i d.C., muito provávelmente importada.

Com efeito, tais taças são o resultado final de uma longa linha evolutiva, tendo os primeiros *skyphoi* surgidos no Minóico Moderno, à volta de 1100 a.C.—possuíam corpo globular e asas inclinadas, implantadas abaixo do bordo (11); vulgarizaram-se do Proto-Geométrico ao Helenístico, sobretudo o tipo dito Ático II na classificação de Folsom (12), definido como uma taça funda, sem pé, com duas asas horizontais ao nível do bordo.

Durante a época de Augusto foram interpretados em metais nobres, o que originou alteração da asa, maior abertura da boca, diminuição da altura e conversão decorativa no «repoussé».

O esplendor dos *skyphoi* de prata desse período encontrados em

(11) A. D. Lacy, *Greek Pottery in the Bronze Age*, Londres, 1967, p. 132, fig. 56b.

(12) Robert S. Folsom, *Handbook of Greek Pottery*, Londres, 1967, p. 184, fig. A-98.

Boscovale (13), Alésia(14), Pompeia, Hildesheim (15), etc., explica a sua imitação em cerâmica ao longo do século i d.C., contribuindo o vidrado e os ornatos em relevo para acentuar ainda mais a analogia com os similares metálicos.

A voga foi de tal ordem que este tipo passou à sigillata na forma Drag. 34, sendo sua variante, a forma 59, um híbrido mais esbelto por se erguer sobre um elegante pé alto, próprio do *cantharos* grego.

O aspecto mais impressionante desta cerâmica é o vidrado. Vidrar com compostos de chumbo (16) foi método que surgiu no Próximo Oriente no decurso do século i a.C., dada a fusão a temperaturas relativamente baixas dos mesmos e a sua fácil coloração por meio de óxidos metálicos, nomeadamente do óxido de cobre, responsável pela bela cor verde, a mais característica, embora se tenha verificado que quando as peças possuem boca larga — caso do *skyphos* em estudo — são amarelas por dentro.

Decerto se trata de um requinte de afinidade com as taças de prata, muitas das quais seriam interiormente douradas ou mesmo todas feitas em «vermel».

Existe vidrado azul, vermelho, casos de policromia e de associação do verde tradicional com branco.

Empregava-se nesta loiça uma argila muito fina e as peças eram sujeitas a duas fornadas: na primeira, ainda a seco, eram cozidas até ao ponto de «biscuit». Uma vez retiradas do forno, eram mergulhadas no vidrado, colocadas, invertidas ou não, sobre discos individuais que as mantinham separadas e submetidas então à segunda cozedura.

O preço elevado das matérias-primas e a técnica apurada do fabrico deviam encarecer notavelmente o produto, restringindo-lhe o mercado. Daí a raridade relativa da cerâmica vidrada a chumbo (17).

Tarsus, Antioquia, Notion próximo de Éfeso, Tshandarli perto

(13) Oswald & Pryce, *Terra Sigillata*, Londres, 1966, pi. XXII.

(14) J. Déchelette, *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine*, Paris, 1904, vol. I, p. 47.

(15) Idem, pi. IV.

(16) R. J. Charleston, *Roman Pottery*, Londres, 1955, pp. 24 e ss..

(17) Jorge de Alarcão, ««Une coupe à fond d'or découverte à Farrobo, Portugal», *Journal of Glass Studies*, X, 1968, p. 75, nota 16.

de Pérgamo e Dura-Europos (18), eis alguns dos centros produtores mais antigos, sendo o vidrado verde de Tarsus e Antioquia (19) de contextos do século i d.C. e o de Dura-Europos, algo diferente, sobretudo nas formas, de níveis mais antigos. Vestígios abundantes ficaram nas terras continentais e insulares do Mediterrâneo Oriental e os protótipos cedo fizeram o seu caminho através da Itália, para as oficinas gaulesas de St. Rémy-en-Rollat, Vichy, Gannat (20) e Lezoux (21), as quais, no primeiro quartel do século i d.C., embora mantendo as cores básicas fundamentais, começaram a fabricar vidros em tons mais claros: verdes, amarelos, amarelo-esverdeados, amarelo-acastanhados ou cinzento-acastanhados.

A produção persistiu na Gália até ao início do século m, supondo-se ser de oficinas do norte da Província, ou de outras na Renânia, uma variante vidrada a vermelho ou castanho pastoso, durante muito tempo tida como pós-medieval e hoje seguramente datada como do século i ou princípios do n d.C. (22).

Em 200 d.C. foi fabricada em Colónia loiça vidrada a amarelo e verde, como provavelmente o terá sido também em Bona e em toda a Renânia (23).

Na Grã-Bretanha, entre outros locais, foram encontradas peças em Camulodunum, Colchester, datadas entre 49 e 61 d.C. (24), em Richborough, Kent (25), mais ou menos da mesma época e em Holt, no Denbighshire (26).

No sul da Rússia surge uma produção algo original, talvez indígena.

(18) N. Toll, *The Green Glazed Pottery*, in *The Excavations at Dura-Europos*, Final Report, IV, Part I, Fascicle I, New Haven, 1943.

(19) O. Waagé, *Antioch on the Orontes*, IV, Part One, *Ceramics and Islamic Coins*, Princeton, 1948, p. 81; Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 74, nota 12.

(20) J. Déchelette, *Les vases céramiques ornés de la Gaule Romaine*, vol. I, p. 60.

(21) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 26.

(22) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 27.

(23) Idem, *ibidem*, idem.

(24) Hawkes & Hull, *Camulodunum, First Report on the Excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947, p. 202.

(25) J. P. Bushe Fox, *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxford, 1949, pi. LXIX, 379-382, p. 159.

(26) R. J. Charleston, *ibidem*, p. 26.

Há notícia de bordos vidrados a verde e a verde e amarelo no norte de África (27).

Quanto à Espanha (28), peças vidradas nas duas cores referidas surgiram em contextos sempre do século i d.C..

Conhecem-se em Portugal mais dois *skyphoi* vidrados a verde, um procedente de Conímbriga, onde se encontrou igualmente um fragmento de tinteiro (29), sendo o outro o da sepultura 20 da necrópole de Farrobo, Aljustrel (30).

Oito fragmentos, todos vidrados a verde por fora e a amarelo por dentro, apareceram na Lobeira Grande, perto de Beja (31). As pastas respectivas vão do cinzento-chumbo a um rosa-pálido, passando por amarelo e por branco.

Pode certamente, no que respeita à decoração, aplicar-se à cerâmica vidrada a chumbo critério análogo ao que se aplica à restante cerâmica romana: o figurativo é característico de um período entre o século i a.C. e os começos do século n d.C., enquanto a ornamentação vegetal, surgida em meados do século i d.C., perdura para além do século seguinte.

Dentro da cerâmica pintada, grega e helenística, havia numerosos precedentes de *skyphoi* decorados com figuras humanas. Salomon Reinach (32) cita pelo menos dez, entre os quais o célebre *skyphos* do Museu de Chiusi (33), ornado com cenas da Odisseia, e um outro,

(27) Jean Paul Morei, «Céramiques d'Hippone», *Bulletin d'Archéologie Algérienne* /, 1962-63, pp. 134-135, figs. 100 e 101.

(28) M. Ribas Beltrán, «Cerâmica vidriada romana en Mataré», *Pyrenae*, I, 1965, pp. 155-171.

(29) Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 75.

(30) Ruy Freire de Andrade, «A sepultura n.º 20 do cemitério lusitano-romano de Farrobo», *Arquivo de Beja*, 1963-64, vols. XX-XXI, pp. 115-118; R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Um vaso lusitano-romano com vidrado de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo, Rio de Moinhos», *Rev. de Guimarães*, LXXVII (1967), pp. 109-114; M. Almagro Gorbea, «Nuevas aportaciones para el estudio del ajuar de la sepultura 20 de la necropolis de Farrobo (Aljustrel)», *Arquivo de Beja*, 1966-67, vols. XXIII-XXIV, pp. 213-223; Jorge de Alarcão, *art. citado*.

(31) Jorge de Alarcão, *ibidem*, p. 75, nota 17.

(32) Salomon Reinach, *Répertoire des vases peints grecs et étrusques*, 2 vols., Paris, 1899 e 1900.

(33) Idem *ibidem*, vol. I, p. 191, MONUM, IX, pl. XLII.

corintio, cuja decoração é muito semelhante à do aqui tratado (34).

Os *skyphoi* metálicos copiaram fielmente as peças pintadas, tendo porém que recorrer ao «repoussé». Os seus mais antigos similares vidrados imitaram-nos para o que tiveram de ser moldados a fim de reproduzirem o relevo.

Todavia, a maioria das peças tem decoração vegetal ou geométrica, como a linda taça, extra-texto (pl. C) a cores, da obra de R. J. Charleston, ou como as taças de Aljustrel, de Leiden e do Museu de Belas-Artes de Viena da Áustria que são todas em forma de alcachofra (35); o *skyphos* de Conímbriga é ornamentado com folhagem, e dos fragmentos da Lobeira Grande, um apresenta uma parra, outro frisos de pinhas fechadas imbricados. Porém, no maior, vê-se uma notável cabeça de guerreiro grego, encimada por um friso de folhas invertidas. Esta decoração mista recorda o *skyphos* da pl. 28A, também do livro de Charleston.

O *shyphos* das Paredes é um paralelo exacto, quanto à forma, dos *skyphoi* de prata da época de Augusto, atrás citados; as cores do seu vidrado são as mais clássicas; a decoração exclusivamente figurativa, a singeleza do motivo, a harmonia e elegância canónica das duas figuras, reprodução de tantas outras pintadas ou esculpidas (36), eis as características que levam a remeter esta taça para uma época bastante arcaica do século i d.C. E sem ignorar a hipótese de fabrico em oficina gaulesa, o sabor por demais grego desta peça leva a preferir para ela proveniência mediterrânica, qualquer centro de produção do Mediterrâneo Central de vincada tradição helénica, provavelmente a Sicília.

Pormenor insignificante, o tirso nela representado, bem aberto, vem reforçar essa hipótese. É que, segundo Reinach, o tirso evolui, floresce, nos vasos etruscos, italiotas e sicilianos.

(34) Salomon Reinach, *ibidem*, vol. I, p. 389, pl. 125, 1, 2, 5.

(35) J. H. L. Kern, «Una copa romana de vidriado verdoso en el Museo de Leiden (Holanda)», *Ampurias*, 1957-58, vols. XIX-XX, pp. 232-237, figs. 1 e 2; e lam. I.

(36) Salomon Reinach, *ibidem*, vol. I, p. 266, fig. P, vol. II, pp. 228-229, fig. A.

4 — *Prato de terra sigillata* (Est. II)

Fabrico sud-gálico. Drag. 15-17.

Pasta cor de tijolo, verniz cor de lacre espesso e homogéneo, mediamente brilhante, com fissuras resultantes da contracção.

Marca rectangular no fundo: OF.LABIO, oficina de Labio, La Graufesenque, período de Cláudio-Nero.

Diâmetro da boca: 160 mm. Diâmetro do pé: 88 mm. Altura total: 40 mm.

5 — *Prato de terra sigillata* (Est. II)

Peça da mesma proveniência, com as mesmas características, incompleta e fragmentada, porém reconstituível, verniz escurecido devido à incineração.

Diâmetro da boca: 150 mm. Diâmetro do pé: 80 mm. Altura total: 42 mm.

6 — *Taça de terra sigillata* (Est. II)

Fabrico sud-gálico. Ritt. 8.

A taça, que está intacta, tem verniz e pasta idênticos aos dos pratos atrás descritos. No fundo, marca rectangular DAMONI — oficina de DAMONVS, La Graufesenque, período de Cláudio-Nero.

Diâmetro da boca: 110 mm. Diâmetro do pé: 49 mm. Altura total: 50 mm.

7 — *Ungentário* (Ests. III e VI)

Recipiente de vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem.

Tem a forma de uma gota, ocupando o reservatório apenas o terço inferior do vaso. A boca é larga, irregular e assimétrica, de bordo polido ao fogo; o colo é estreito, a base levemente deprimida. Conserva-se intacto, porém picado e riscado em ambas as faces, apresentando leitosidade incipiente.

Altura: 104 mm. Diâmetro externo da boca: 17 mm. Diâmetro externo do colo: 9 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 29 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

É a forma 82-B1 de Isings (37), que a define assim: gargalo alargando gradualmente para o reservatório (tipo em forma de moca). Alguns exemplares têm reservatórios não muito mais largos que os gargalos, outros alargam para a base. Podem ser alongados ou atarracados; alguns têm as paredes muito espessas e são sólidos.

Isings indica espécimes provenientes de Dura-Europos, túmulos 9 e 55; de Karanis; de Fresin, etc. cuja cronologia recai nos finais do século i ou princípios do n.

Um paralelo, do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, foi considerado característico da primeira metade do século i d.C. (38); dois unguentários do mesmo tipo, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz, receberam idêntica cronologia, ou seja, reinados de Augusto-Tibério (39); o mesmo sucedeu para um exemplar do Museu da Sociedade Martins Sarmento (40) e para outro de Aramenha, colecção Bairrão Oleiro (41).

Deste modo, e por nos parecer que o tipo de Isings tem já o lábio mais espesso, indicaremos para o unguentário das Paredes uma cronologia dentro do último quartel do século i a.C., princípio do século i d.C..

## 8 — *Unguentário* (Ests. III e VI)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas, estrias e espirais, resultantes da soflagem.

Em forma de gota. Base côncava, boca larga, irregular e assimétrica, orlada por um lábio polido ao fogo, porém, mais espesso que o do exemplar anterior.

(37) Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957, pp. 97-98.

(38) Jorge e Adília Alarcão, «Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa», *Conimbriga*, 1967, vol. VI, p. 29, est. 10, 58.

(39) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», *Revista de Guimarães*, 1964, LXXIV, pp. 79-116, est. I, 1, 2.

(40) Idem, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento», *Revista de Guimarães*, 1963, LXXIII n.º 1/2, pp. 182-183, est. VI, 2.

(41) Idem, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos», *Revista de Guimarães*, 1963, LXXIII, p. 378, est. I, 8.

Está fragmentado, picado e intensamente riscado em ambas as superfícies. Irisão incipiente.

Altura: 104 mm. Diâmetro externo da boca: 19 mm. Diâmetro externo do colo: 12 mm. Diâmetro máximo do reservatório: 30 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

A tipologia é a do unguentário atrás estudado, embora pela espessura do lábio corresponda ainda melhor a 82-B1.

Cronologia idêntica.

### 9 — *Unguentário* (Ests. III e VI)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com manchas verde-gelo no reservatório, bolhas, estrias e espirais resultantes de soflagem.

É de forma tubular, estrangulado a meio, com o fundo levemente deprimido, e o bocal, que se apresenta virado para fora, largo e rematado por aresta polida ao fogo. Está intacto, porém, picado e riscado em ambas as faces, com intensa irisão multicolor na face interna.

Altura total: 94 mm. Altura do recipiente: 47 mm. Altura do gargalo: 40 mm. Diâmetro externo da boca: 21 mm. Diâmetro externo do colo: 19 mm. Diâmetro externo do gargalo: 19 mm. Diâmetro externo do estrangulamento: 18 mm. Diâmetro da base: 24 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

É o tipo 8 de Isings, a qual refere espécimes provenientes de Ventimiglia, Kreuznach, Locarno, Hofheim, Giubiasco, Xanten, Nijmegen, etc. (42), pertencentes, na quase totalidade, à primeira metade do século i d.C., embora a autora faça notar que se produziram em quantidade e se vulgarizaram a partir da segunda metade do mesmo século.

Caracteriza estes recipientes, encontrados em sepulturas do tempo de Augusto e Tibério, a forma de tubo, o estrangulamento a meio e o bordo em aresta viva, ou polida ao fogo, como esta.

(42) Isings, *ibidem*, p. 24.

10 — *Boião* (Ests. III e VII)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem.

Trata-se de um pequeno balsamário em forma de bolbo, de bojo largo, colo baixo e atarracado, cujo bocal abre um pouco para os lados, sendo o lábio respectivo, tubular e dobrado sobre si para o interior, o que ocasiona um vinco fundo na ligação com a parede interna do colo. Base côncava.

A peça está inteira, apenas falhada em pequena extensão do lábio. Apresenta-se picada e riscada em ambas as faces, com intensa irisão multicolor e manchas de leitosidade nacarada incipiente.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 32 mm. Diâmetro do colo: 29 mm. Diâmetro do bojo: 43 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

É a forma Isings 68, apontando a autora exemplares de Ventimiglia, Hofheim, Herculano e Pompeia, Colônia, Locarno, etc. (43), todos do século I, especialmente do período dos Flávios, e persistindo por parte do século II. Todavia, os tipos mais primitivos podem recuar a Cláudio-Nero (44).

Jorge e Adília Alarcão referem um boião de Planig, Alemanha, encontrado numa sepultura de 100 d.C. (45) e propõem essa cronologia para exemplares de Ampúrias (46), Vila Viçosa (47), Valdoca (48), Figueira da Foz (49) e Casal do Carvalhal, Constância (50).

Este boião é, portanto, muito provavelmente do século I d.C..

(43) Idem, *ibidem*, pp. 88-89.

(44) Idem, *ibidem*, pp. 86-87, forma 67.

(45) Jorge e Adília Alarcão, «Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa», p. 24.

(46) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», pp. 92-93.

(47) Idem, «Vidros romanos do Museu Arq. de Vila Viçosa», p. 24, est. 9, fig. 47.

(48) Idem, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, 1966, vol. 5, p. 27, est. V, fig. 62; p. 68, est. XVIII, fig. 257.

(49) Idem, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz», est. I, fig. 17.

(50) Idem, «Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância», *MVSEV*, 1966, 2.<sup>a</sup> série, n.º 10, pp. 5-12, fig. 5.

11—*Boião* (Ests. III e Vil)

Vidro soprado, transparente, cinzento «Caran d'Ache», com bolhas e estrias resultantes da soflagem. Tem forma idêntica à do exemplar anterior, porém está fragmentado e incompleto, picado e intensamente riscado, apresentando irisão multicolor.

Altura: 50 mm. Diâmetro da boca: 44 mm. Diâmetro do colo: 35 mm. Diâmetro do bojo: 48 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Difusão e cronologia como as da peça n.º 10.

12 — *Boião* (Est. III)

Recipiente de vidro soprado, transparente, verde-sombrio, com algumas bolhas. Forma idêntica à dos exemplares anteriores. Está fragmentado e riscado intensamente em ambas as faces.

Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 37 mm. Diâmetro do colo: 30 mm. Diâmetro do bojo: 45 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Mesma difusão e cronologia.

13—*Taça* (Ests. III e VII)

Taça lisa, de vidro soprado, transparente, azul-cobalto, com muitas bolhas.

Bordo aberto, tubular, de secção rectangular, virado para fora; paredes carenadas, pé oblíquo de altura média. Fundo levemente convexo.

Peça fragmentada, mas inteiramente reconstituível, picada e ligeiramente riscada em ambas as faces.

Diâmetro da boca: 100 mm. Altura: 57 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Os tons violentos, nomeadamente este azul-cobalto, podem considerar-se características de um período de transição dos vidros moldados para os vidros soprados. Enquanto os primeiros são declaradamente vermelhos, azuis, castanhos e amarelos, os segundos são claros ou mesmo incolores.

Esta é a forma Isings 44 (51), a qual surge em meados da primeira centúria d.C., porém em azuis-claros, verdes-claros ou branco coalhado; é-lhe muito semelhante a forma Isings 20 (52), do princípio do século i, taças frequentemente moldadas, vermelhas escuras ou verdes-esmeralda.

Dentro da forma 44, Isings cita exemplares azuis-claros de Locarno, de Branca (Muralto) (53), datado por Lamboglia de Augusto a Tibério, Minusia, Cadra (54), flaviano, e Richborough (55), datado 85 d.C.. Cita ainda exemplares de vidro branco coalhado: de Vindonissa, datado de Augusto-Tibério e da necrópole sul de Este, da época de Nero.

Dentro da forma 20 são citadas duas taças verde-esmeralda, moldadas, de Camulodunum (56), época de Nero. Uma delas, a n.º 59, tem um perfil ideal, coincidente com a forma 44.

Todas as taças citadas provêm de sepulturas, na maioria dos casos integradas em necrópoles.

A taça das Paredes pode, certamente, situar-se na época de Nero, sendo até provável uma datação levemente anterior.

#### 14— *Taça* (Est. III)

Idêntica à anterior, um pouco maior, com o pé mais aberto. Também fragmentada, mas reconstituível.

Diâmetro da boca: 100 mm. Altura: 60 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

Mesma cronologia.

#### 15— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo tubular, de secção oval, de uma taça de vidro soprado, cinzento «Caran d'Ache», com pequena porção de parede convexa, riscado e picado intensamente em ambas as faces.

(51) Isings, *ibidem*, pp. 59-60.

(52) Idem, *ibidem*, p. 37.

(52) Idem, *ibidem*, p. 37.

(53) Christoph Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia, 1941, pp. 114-116, n.º 14, e taf. 10,6, n.º 1.

(54) Idem, *ibidem*, pp. 163-169, n.º 19 e taf. 12,7, n.º 3.

(55) J. P. Bushe-Fox, *ibidem*, p. 158, 369, pi. LXVIII.

(56) C. F. C. Hawkes, *Camulodunum*, Oxford, 1947, p. 301, 58, 59, pi. LXXXVIII.

Diâmetro da boca: 80 mm. Espessura do vidro na parede do bordo: 2 mm. Espessura do vidro na parede da taça: 4 mm.

Forma Conímbriga 50 (57), um dos tipos mais vulgarizados dentro da vidraria romana do séc. I d.C..

16— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo de uma taça de vidro soprado, incolor, com bolhas, cujo lábio boleado é mais espesso para o exterior, sendo quase direita a face interna. Uma canelura separa o bordo da copa, a 9 mm do topo.

O vidro, que está picado e riscado em ambas as faces, mostra estrias, irisão e leitosidade incipiente.

Diâmetro da boca: 140 mm. Espessura do bordo: 5 mm. Espessura na parede da taça: 1 mm.

É a forma Conímbriga 116 (58), apontada como do final do século n.

17— *Bordo de taça* (Est. III)

Fragmento do bordo de uma taça de forma e cor idênticas à anterior. Picado e riscado em ambas as faces. Irisão multicolor.

Diâmetro da boca: 150 mm. Espessura no lábio: 4 mm. Espessura na parede da taça: 1,5 mm.

Cronologia e difusão como a anterior.

18 — *Copo* (Est. III)

Fragmentos da base, paredes e bordo, de um copo de vidro lapidado, transparente, incolor, com muitas bolhas, decorado em larga faixa com facetas ovais, dispostas em fiadas horizontais imbricadas.

A faixa é limitada inferiormente por uma profunda estria, e superiormente por estreita canelura.

Trata-se de um copo esbelto, de paredes oblíquas, que se tornam convexas junto ao fundo, o qual é ligeiramente côncavo, quase plano,

(57) Jorge e Adília Alarcão, *Vidros romanos de Conímbriga*, 1965, pp. 41-42, est. II, fig. 50.

(58) Idem, *ibidem*, pp. 80-85, est. IV, fig. 116.

assentando numa base discoide, pequenina, direita, cujo perímetro deveria ser liso, encontrando-se todavia, falhado no contorno.

O bordo é envasado, estriado, com a aresta polida ao fogo.

Além de picado e riscado em ambas as faces, mostra irisão multicolor e leitosidade nacarada em alguns pontos. A pasta está profundamente estriada.

Altura: 117 mm. Diâmetro da boca: 106 mm. Diâmetro da base: 37 mm. Espessura média do vidro: 1,5 mm.

É a forma Isings 21, considerada pela autora um dos copos de melhor qualidade espalhados por todo o Império, o que torna difícil determinar a proveniência (59). Século i d.C., embora persista na centúria seguinte.

Exemplos de lapidados por óvulos surgem em Dura-Europos, como de resto Jorge e Adília Alarcão fizeram notar já a pp. 62 dos *Vidros romanos de Conímbriga*. Um paralelo é referido por Broholm (60), de Steulille, Sjaelland, Dinamarca — dois pontos extremos do mundo romano, portanto.

O copo das Paredes é, provavelmente, do último quartel do século i.

#### 19 — *Fragmento de copo* (Est. III)

Fragmento sem perfil, de vidro lapidado verde-água, decorado com óvulos romboides (61).

Cronologia idêntica à do anterior.

#### 20 — *Marca de jogo* (Est. IV)

Disco de osso, com orifício circular central, face inferior esponjosa, levemente côncava, com três estrias paralelas; face superior polida, convexa, apresentando três coroas circulares concêntricas, separadas por duas estrias. Peça intacta.

(59) Isings, *ibidem*, pp. 37-38.

(60) H. C. Broholm, *Kulturforbindelser i oeldre Jaernalder*, Copenhaga, 1960, fig. 117.

(61) Jorge e Adília Alarcão, *Vidros romanos de Conímbriga*, pp. 62-63 e p. 65.

Diâmetro do disco: 25 mm. Espessura: 3,5 mm. Diâmetro do orifício: 3,5 mm. Altura do orifício: 5 mm.

Considerando a hipótese de outras funções, como espelho de um puxador, ornamento de um cofre ou caixa, elemento de abotoadura, embora careça de pé para poder ser um botão, o mais provável é que se trate de urna marca de jogo (62).

21 — *Aferidor!* (Est. IV)

Paralelepípedo de marfim, aparado em bisel no topo, apresentando na base o arranque de um espigão posteriormente mutilado.

Numa das faces, incisão rectilínea.

Comprimento: 22 mm. Espessura: 10 mm.

Deve tratar-se de um régua para medir polegadas, do tipo de um exemplar maior, encontrado em Londres (63).

22 — *Fibula* (Est. IV)

Fíbula anular de bronze (63a) a que falta o fusilhão. Apresenta uma das ponias partida, aguçada, e a outra revirada para fora, dobrada sobre o anel. Ambas as extremidades deveriam ter botões, que desapareceram. O aro tem secção circular e é mais espesso no troço médio.

Diâmetro do anel: 25 mm. Calibre no troço médio: 2,5 mm. Calibre nas extremidades: 1 mm. Abertura actual: 0,9 mm.

Trata-se de um tipo muito vulgarizado em todas as estações romanas ou romanizadas. Pregadeira surgida em La Tène II, persiste e torna-se comum no século i d.C, já que a fibula característica da Idade do Ferro, no litoral ibérico, é o tipo dito de timbale (64).

Pode aceitar-se para este exemplar uma datação no século i d.C..

(62) *London in Roman times*, London Museum catalogues, n.º 3, 1946, pi. XLVI, 8.

(63) *Idem*, pp. 83-84.

(63a) Nenhuma análise qualitativa ou quantitativa foi possível fazer aos objectos aparentemente de bronze, que se seguem. Na verdade, pode tratar-se de uma liga de cobre e zinco, muito utilizada desde a Pré-História na bacia do Tejo.

(64) Elisabeth Fowler, «The origins and development of the penannular brooch in Europe», *Proceedings of the Prehistoric Society*, 1960, vol. XXVI, pp. 149 e ss. E. Cuadrado, *Precedentes y Prototipos de la Fibula Anular Hispánica*, Madrid, 1963; H. N. Savory, *Espanha e Portugal*, Lisboa, 1969, pp. 253-255.

23 — *Fivela* (Est. IV)

Pequena fivela circular, fechada, com charneira em forma de balaústre ao centro, faltando o fusilhão. O aro, de secção triangular, é decorado com estrias radiantes. Peça de bronze, intacta.

Diâmetro externo do aro: 20 mm. Largura do aro: 3 mm. Espessura do aro: 2 mm.

O único exemplar absolutamente igual que encontrámos está no Museu de Vannes e foi publicado por Jacques André (65).

24 — *Fivela* (Est. IV)

Fivela rectangular de bronze, a qual conserva a charneira em forma de haste cilíndrica, colocada ao centro, transversalmente. A decoração, de gosto algo bárbaro, apresenta troncos de pirâmide, formando os ângulos do aro. Entre eles, estrias e caneluras facetadas.

O reverso é liso, com uma cavidade em cada ângulo. Objecto intacto. Não encontrámos paralelo.

Comprimento: 43 mm. Largura: 27 mm. Espessura máxima: 4 mm. Espessura mínima: 3 mm.

Fivela semelhante foi publicada por P. Paiol no *Boletín del Seminario de Estudos de Arte y Arqueología*, XXX, 1964, procedente da sepultura 46 da necrópole de Simancas (século iv).

25 — *Fivela de cinturão* (Est. IV)

Fragmento de placa de cinturão, o qual apresenta o aro da fivela em forma de lúnula, convexo na face superior e levemente côncavo na inferior. As pontas formam argola, constituindo a charneira-fêmea, a qual é atravessada por uma charneira-macho direita, de secção cilíndrica, à qual ficaram presos a cabeça do fusilhão, igualmente argola circular, e um pedaço da placa, de folha dupla, vendo-se no reverso 1 rebite, junto ao bordo; provavelmente haveria outro ao centro e um terceiro no extremo oposto.

(65) Jacques André, «Inventaire des objets romains en bronze du Musée de Vannes», *Ogam*, tomo XIV, fase. 4/5.

A placa, que é de bronze, está fracturada, incompleta e muito corroída.

Altura do aro: 40 mm. Flecha: 40 mm. Espessura: 2 mm. Largura da charneira-macho: 40 mm.

Trata-se de um objecto comum em estações do século i d.C. embora se torne difícil atribuir-lhe uma cronologia mais precisa.

#### 26—*Fusilhãol* (Est. IV)

Pequena haste de bronze, de secção rectangular, muito levemente curva, apresentando a face inferior lisa, e a face superior decorada numa das pontas com a cabeça de um carnívoro. A outra ponta recurva levemente.

Comprimento: 28 mm. Largura: 6,5 mm. Espessura: 3 mm.

Não encontramos paralelo, embora terminais zoomórficos sejam, como se sabe, comuns em asas de pequenas taças, em topos de fivelas dos uniformes do exército romano, em porta-rédeas, etc..

Porém, quer-nos parecer que se tratará de fusilhão de uma espessa fivela tardia.

#### 27—*Abraçadeira ou botão* (Est. IV)

Pequena haste de secção cilíndrica, dobrada em ângulo recto numa das extremidades, ligando-se a ponta a uma cabeça lisa, plana, em forma de leque, que lhe é perpendicular.

A extremidade oposta terminaria em argola, da qual resta uma parte do aro. Objecto de bronze, fragmentado e corroído.

Comprimento total: 33 mm. Diâmetro da argola: 10 mm.

Esta peça tem paralelo nas abraçadeiras ou botões (segundo a designação de Bushe-Fox), procedentes de Wroxeter (66). Peças deste

(66) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavations on the Site of the Roman Town at Wroxeter, Shropshire*, 1913, Oxford, 1914, p. 14, fig. 5, n.ºs 15 e 16; idem, *Third Report on the Excavations on the Site of the Roman Town at Wroxeter*, 1914, Oxford, 1916, p. 26, pi. XVI, n.º 15; *Defences of Viroconium (Wroxeter)*, Oxford, 1962, p. 36, fig. 5, n.º 14; J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavation of the Roman Fort at Richborough, Kent*, p. 47, Est. XX, 38.

tipo, com cabeça redonda são frequentes no século i, em tempos flávios (66a).

28 — *Botão* (Est. IV)

Botão de bronze formado por uma calote esférica, sem decoração, à qual se prende um pé com orifício. Intacto.

Diâmetro: 20 mm. Espessura: 1,5 mm. Altura do pé: 8 mm. Largura do pé: 5 mm. Espessura do pé: 2 mm.

29 — *Argola* (Est. IV)

Bronze, secção pentagonal. Inteira.

Diâmetro externo: 35,5 mm. Diâmetro interno: 28 mm. Espessura: 3,5 mm.

30 — *Argola* (Est. IV)

Exemplar de bronze, como o anterior, porém mais pequeno, de secção triangular. Inteiro.

Diâmetro externo: 20 mm. Diâmetro interno: 15 mm. Espessura: 3 mm.

Destas peças, por incaracterísticas, nada se pode concluir.

31 — *Armela de situla* (Est. IV)

Aplique lateral de uma sítula para suspensão da asa da vasilha.

Trata-se de um mascarão de bronze verde-sombrio, com um rosto onde os olhos estão somente apontados, as faces marcadas por leve saliência a da esquerda, por depressão a da direita, As guias de um bigode descaem sobre uma boca que apenas se adivinha.

Uma superfície oval cerca o rosto, irregular do lado direito, onde existe um orifício que pode ser defeito de fundição.

A máscara é encimada por estria decorada com sulcos em *vê*, à qual se sobrepõe uma canelura.

(66a) G. Webster, «The Roman military advance under Ostorius Scapula», *The Archaeological Journal*, vol. CXV, p. 96, 255.

Um travessão horizontal remata a parte superior do mascarão, sendo atravessado horizontalmente por urna incisura funda, cortada em toda a extensão por incisões verticais mais ou menos paralelas.

No centro do bordo superior do travessão, um anel circular, com orifício também circular.

Trabalho tosco de moldagem, e mau trabalho de fundição, com covas e rebarbas bem visíveis. Está bem conservado. No reverso apresenta vestígios da solda de chumbo que o ligava à sítula.

Altura total: 72 mm. Altura do mascarão: 45 mm. Largura do travessão: 76 mm.

Este tipo de armela é vulgaríssimo em Portugal (66b).

### 32 — *Fragmento de fechadura* (Est. IV)

Pequena porção do fecho de bronze, muito danificada, a qual apresenta ainda três orifícios circulares intactos, vendo-se parte dos outros dois.

Comprimento do fragmento: 26 mm. Altura: 8 mm.

(66b) Assim, podem observar-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa, 3, provenientes de Lameirancha, Torres Novas, cotas 17.930, 17.931 e 17.932; 1, de proveniência desconhecida, ct. 17.937; outro, também de proveniência desconhecida, ct. 17.934; 1, de Torre de Palma, ct. 50.290; 1, de Évora, ct. 17.420; 2, do Castelo de Montemor-o-Novo, cts. 15.994A e 15.994B; 1, de Faro, ct. 13.989; 1, dos arredores de Tavira, sem cota (vit. 83); 1, de Óbidos, vit. 87.

No Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, estão 3 das Minas de S. Domingos, Aljustrel, publicadas por Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 1954, Tomo XXXV, pp. 79-92.

No Museu Monográfico de Conímbriga contamos 20 variantes ao mesmo tipo, provenientes das ruínas. Veja-se o artigo de M. Delgado neste mesmo volume de *Conímbriga*.

No Museu Regional de Beja, existem 2, de proveniência desconhecida, publicados por Abel Viana, in *Museu Regional de Beja*, 1944, p. 9, fig. 10.

No Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa conta-se mais 1, publicada por Jorge Alarcão e Manuela Delgado in *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades*, Lisboa, 1969, pp. 36-37, n.º 35.

Finalmente, no Serviço de Fomento Mineiro, Porto, está depositado mais 1 mascarão, publicado por Luís de Albuquerque e Castro, in «Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo)», *Estudos, Notas e Trabalhos*, vol. XV, fases. 3-4, Serviço do Fomento Mineiro, Porto, 1961, est. III, n.º 11 da sítula n.º 6.

Estas fechaduras eram abertas por aquelas chaves de espigões que penetravam nos orifícios, fazendo, com a volta, levantar-se uma espécie de tranca no interior. Idêntica a uma de Risstissen, Alemanha século i d.C. (67).

### 33 — *Patilha de um aloquete* (Est. IV)

Patilha em forma de régua, levemente trapezoidal, com o anel pelo qual passava o trinco, implantado no reverso, junto à base. Decoração floral, obtida por pontilhado, e constituída por três pares de folhas geminadas, alternando com dois pares de volutas. No rodapé, de cada lado, um ponto.

O topo, mais espesso, tem ao centro um orifício circular, o qual conserva a ferragem do rebite. Objecto intacto. Bronze.

Altura: 70 mm. Largura na base: 19 mm. Largura no topo: 12,5 mm. Espessura: 2 mm. Altura do anel: 12 mm. Largura do orifício: 6 mm.

Foi encontrado no Forte de Richborough (68) um exemplar idêntico na forma e decoração, talvez mais perfeito como trabalho e acrescido de um estreito friso no topo. As peças parecem ter saído da mesma oficina. Datado de 50-70 d.C..

### 34 — *Palera* (Est. IV)

Placa cônica de bronze, com perfuração central. Apresenta um contorno prejudicado e vestígios de carvão nas duas faces.

Diâmetro: 31,5 mm. Eixo: 8 mm. Espessura da chapa: 2 mm.

Trata-se da parte central de uma falera, para a qual não é possível encontrar paralelo exacto, dado o seu estado de conservação, mas cujo tipo é frequente no século i d.C. O espólio conserva outro fragmento semelhante que não ilustramos.

(67) G. Ulbert, *Die Römischen Donau-Kastelle Aislingen und Burghöfe*, Berlim, 1959, est. 66, fig. 4.

(68) J. P. Bushe-Fox, *Fourth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, pi. XL, 148.

35 — *Campainha* (Est. IV)

Campainha de bronze, com campánula ovalada, coroada por uma argola de aro hexagonal e orifício circular. A face externa é decorada, a cerca de dois terços da base, por três sulcos paralelos, sendo mais largo o central.

A base está cercada em todo o contorno.

Altura total: 38 mm. Diâmetro da base: 40 mm. Distância das estrias ao topo: 16 mm. Espessura da chapa: 1 mm.

Estas campainhas, que poderiam fazer parte de um pequeno carilhão ou serem, como a presente, peças isoladas de serviço, estão difundidas em todo o mundo romano, como se verifica pelos paralelos seguintes:

1, de Cambodunum, datada de 27 a.C. a 41 d.C. (69); 1, de Burghofe(70); 1, da Thames Street, Londres (71); 1, da Vila Romana de Cardílio (72).

É provável que a campainha das Paredes, igual à de Cambodunum, tenha cronologia aproximada.

36 — *Agrafe* (Est. V)

Argola circular, de secção romboide, na qual se prendem 4 correntes em malha de cordão, formadas por 5 elos cada. Do elo inferior está suspensa uma espécie de pinça, tacha laminiforme. Algumas malhas estão quebradas e faltam duas tachas. O conjunto é bronze.

Diâmetro da argola: 27 mm. Espessura: 2,5 mm. Comprimento de uma corrente: 30 mm. Comprimento das pinças: 30 mm.

Não encontramos nenhum paralelo exacto. Todavia existem peças deste tipo nos arreios dos cavalos do exército romano, porém

(69) Wemer Krämer, *Cambodunumforschungen*, 1953, I, p. 65, taf. 16, fig. 1.

(70) G. Übert, *Die Römischen Donau-Kastelle Ais Ungen und Burghöfe*, Berlim, 1959, est. 52, fig. 4.

(71) *London in Roman Times*, p. 108, pi. XLVIII, fig. 5.

(72) Adília Alarcão e Jorge de Alarcão, «Achados na Vila romana de Cardílio, (Torres Novas)», *Arquivo de Beja*, 1966-67, p. 313, 93, est. V, 23.

mais resistentes: em geral, em vez de correntes, vêm-se lâminas recordadas. Em vez de tachas, terminais em forma de botões de pressão (73).

É provável que este agrafe se destinasse a prender algo menos resistente que o cabedal, e também menos sujeito a forças opostas. Tecido, por exemplo.

Os agrafes provenientes de Camulodunum são de 61 d.C., afirmando os autores que as argolas com quatro elementos são mais tardias, o que não é confirmado por Krámer que indica argolas com quatro tirantes nos reinados de Nero-Cláudio (74).

37 — *Argola com rebites* (Est. V)

Argola de secção circular, com dois rebites em forma de pinça, quebrados nas extremidades. Bronze.

Diâmetro exterior da argola: 24 mm. Espessura: 4 mm. Comprimento actual dos rebites: 24 mm.

Sem dúvida, espécie de puxador.

38 — *Argola com rebites* (Est. V)

Pequena argola em forma de lúnula, de secção trapezoidal, com dois rebites como a anterior. Bronze.

Diâmetro exterior da argola: 20 mm. Largura máxima: 4 mm. Espessura: 3 mm. Comprimento dos rebites: 30 mm.

39 — *Placa da caixa de uma fechadura* (Est. V)

Placa de ferro, rectangular, feita de folha dupla, com dois pregos de cobre, de secção quadrada e cabeça redonda, colocados em ângulos opostos, meio saídos, prendendo duas peças de fixação ao móvel, que eram provavelmente rectangulares. Muito deteriorada.

Comprimento da placa: 57 mm. Largura: 45 mm. Espessura: 3 mm. Comprimento de 1 prego: 40 mm. Espessura média da haste

(73) C. F. C. Hawkes e M. R. Hull, *Camulodunum*, p. 339, pl. CIII, fig. 9.

(74) *Camulodunum*, pp. 335-339; *Cambodunumforschungen* 1953-7, *Die Ausgrabung von Holzhäusern Zwischen der 1. und 2. Querestrasse*, Materialhefte zur Bayerischen Vorgeschichte, Heft 9, 1957, pp. 119-120, taf. B, fig. 23, e p. 66, taf. 16, 23.

respectiva: 2 mm. Diâmetro da cabeça: 9 mm. Comprimento actual das peças de fixação: 28 mm. Espessura: 1 mm. Largura: 16 mm.

40 — *Pilum* (Est. V)

Ponta de dardo em ferro, com a forma de urna pirâmide quadrangular alongada, com espigão de secção rectangular.

A ponteira está fracturada no topo. A extremidade do espigão também se apresenta fracturada.

Comprimento actual: 87 mm. Comprimento da ponteira: 53 mm. Largura na base da ponteira: 16 mm. Largura na ponta: 5 mm. Espessura do espigão: 3 mm.

O *pilum* é a arma característica da infantaria romana. Parece ter variado ligeiramente de dimensões. Cronologia difícil de estabelecer, pois foi arma usada desde a Idade do Ferro até ao século iv d.C. (75).

41 — *Prego* (Est. V)

Prego mediano, fundido, cuja haste tem secção quadrada e cuja cabeça é circular. Cobre.

Comprimento: 40 mm. Espessura média da haste: 3 mm. Diâmetro provável da cabeça: 8 mm.

42 — *Prego* (Est. V)

Idêntico ao anterior. Cobre.

Comprimento: 40 mm. Espessura média da haste: 2 mm. Diâmetro da cabeça: 9 mm.

43 — *Prego* (Est. V)

Cavilha de cobre, fundida, cuja haste tem secção quadrada e cuja cabeça é sub-trapezoidal, apresentando vestígios de carvão na face inferior.

(75) Pierre Lavedan, *Dictionnaire illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1931, p. 556; P. Conissin, *Les armes romaines*, 1926.

Comprimento: 90 mm. Espessura média da haste: 5 mm. Comprimento da cabeça: 16 mm. Largura da cabeça: 11 mm.

44 — *Prego* (Est. V)

Prego grande, de cobre, fundido; haste de secção quadrada e cabeça sub-triangular.

Comprimento: 75 mm. Espessura média da haste: 5 mm. Largura da cabeça: 15 mm.

45, 46, 47, 48, 49 — 5 pregos, de um conjunto de 14 (Est. V)

Num conjunto de 14 pregos de ferro distinguiram-se dois tipos, 4 cavilhas de cabeça redonda ou em forma de tronco de pirâmide quadrangular, com espigão de secção quadrada (n.<sup>os</sup> 45 a 48), e 10 pregos vulgares, de cabeças circulares e espigões também de secção quadrada.

Estão muito danificados e incompletos.

n.<sup>o</sup> 45 — Diâmetro da cabeça: 28 mm. Comprimento actual: 100 mm.

n.<sup>o</sup> 49 — Diâmetro da cabeça: 15 mm. Comprimento actual: 58 mm.

*Fragmento de mosaico*

O espólio contém, inexplicavelmente, um pequeno fragmento de mosaico, o qual apresenta três fiadas de tesselas paralelas, brancas as dos extremos, preta a central — respectivamente, calcário e basalto — bem aderentes ao suporte que é *opus signinum*.

Medem em regra 10 mm X 10 mm.

> Acabamos de descrever 51 objectos, dos 60 que constituem o espólio desta sepultura de incineração. Comparando, dataram-se rigorosamente 17 peças às quais foi atribuída a seguinte cronologia:

1.<sup>o</sup> *quartel do séc, I d.C.* — 1 *skyphos*, 3 unguentários de vidro, 2 taças de vidro azul-cobalto;

*meados do séc. I d.C.*— 1 lucerna, 2 pratos e 1 taça de terra sigilata, 1 copo e 1 fragmento de copa de vidro lapidado, 1 campainha;

*do 3.º quartel ao final do séc. Id.C.* — 1 patilha de aloquete e 3 boiões de vidro.

Processo análogo permitiu situar algures no *séc. I d.C.* as 10 peças adiante: 1 *dolium*, 1 jarrinha, 1 fíbula, 1 fivela de cinturão, 1 bordo de uma taça de vidro, 1 armela de situla, 1 agrafe, 1 elemento de fechadura e 2 fragmentos de faleras.

28 objectos, excluindo o mosaico, desafiam qualquer datação precisa. Ou são atípicos persistindo longamente, como as 4 argolas, o botão, o *pilum*, os pregos e o fragmento de caixa de fechadura, ou não têm paralelos, pelo menos que conheçamos, na estratigrafia datada — é o caso da marca de jogo, do aferidor de polegadas, e da fivela n.º 23.

4 peças destoam cronologicamente do contexto: 2 bordos de taça de vidro do século n d.C., uma fivela com paralelo no século iv, e o suposto fusilhão zoomórfico. Ou estão ali por acidente, ou as formas são antecipáveis.

É que, se se reunirem às 27 peças do século i, que são afinal as mais importantes e características do conjunto, as 28 atípicas ou raras, temos que toda a sepultura é da primeira centúria da nossa era, provavelmente com uma cronologia à volta de 90 d.C.. Abona tal hipótese o tipo de tumulização e a quantidade de objectos do contexto — em verdade rara e que mais faz lembrar um enterramento da Idade do Ferro.

Aliás, qual a data das inscrições transcritas encontradas na necrópole? A inscrição do cipo é do primeiro quartel do século n. As restantes são do século i. É de crer que toda aquela parte do cemitério seja do período em questão.

A natureza do espólio parece confirmar ser o indivíduo cremado do sexo masculino — Quintus Valerius—e de elevada posição social. Com efeito, não se encontra um único adorno feminino e, ao contrário, surge uma arma: o dardo. Igualmente, o contexto é formado por peças não só supérfluas, como invulgares, o que indica um alto poder de compra e ausência de qualquer profissão específica. É interessante sugerir que poderia tratar-se de um cidadão peregrino que, na sua juventude, primeiro quartel do séc. i d.C. tivesse prestado serviço militar na infantaria romana, fazendo parte de qualquer unidade fixada na Itália ou no Mediterrâneo Oriental — regra aplicada aos legionários

hispanicos, que eram enviados para longe da pátria — aí adquirindo aqueles objectos que considerámos helenísticos: o *skyphos*\> a lucerna, as taças de vidro azul-cobalto.

Regressado ao lar, poderia ter-se tornado um senhor rural, um alto funcionário, etc., falecendo no final da centúria.

O mobiliário da sepultura contém um completo serviço de mesa, com os pratos e taça de terra sigillata, o copo de vidro lapidado, o *skyphos* de decoração dionisiaca para as libações; um serviço de «toilette», constituído pelos unguentários e boiões; a patilha do aloquete deveria pertencer a um cofrezinho, o qual, presumivelmente, conteria as moedas rituais. Ardeu na cremação e as moedas dispersaram-se, talvez mesmo modernamente. Hipólito Cabaço viu-se forçado, há muitos anos, a desfazer-se da sua colecção de Numismática. Os pregos, como a fechadura e as argolas poderiam pertencer ao caixão, desaparecido no fogo. Quanto à campainha, até que ponto era objecto de uso pessoal ou objecto votivo, algo para convocar a alma do defunto? Recorde-se a campainha do culto imperial encontrada em Tarragona (76). Resta o mascarão da sítula — cujo significado pode ser idêntico: ou é votivo porque o vaso a que pertencia o era, ou é usado como substituto de máscara funerária — motivo por que se encontram tantas armelas e tão poucas sítulas — ou simbolizava todo o utensílio, precioso para o proprietário.

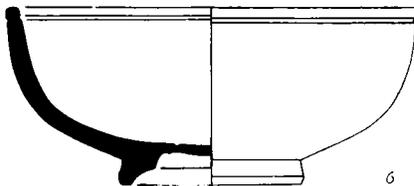
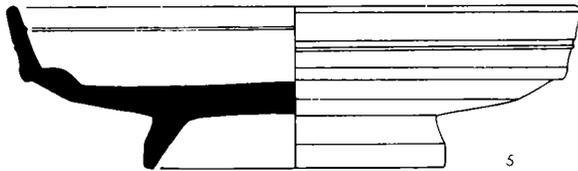
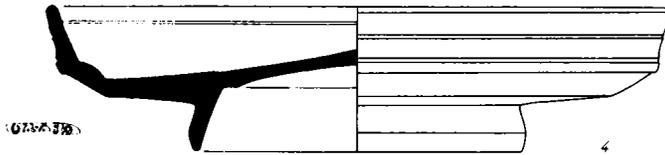
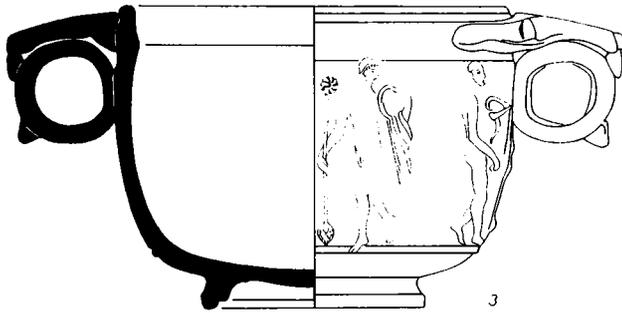
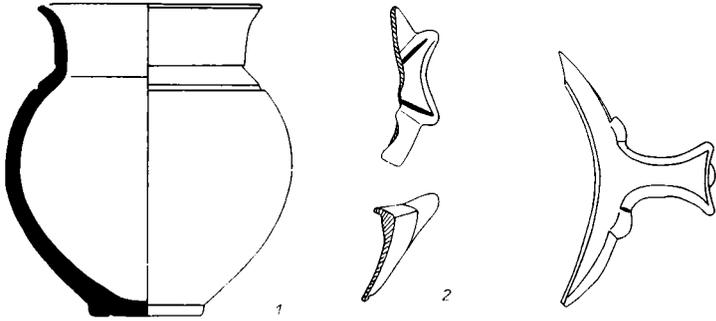
Eis o que se nos ofereceu dizer acerca do *dolium* cinerário da necrópole das Paredes, a sul da vila de Alenquer. Cabe aqui agradecer ao respectivo Município, muito especialmente ao seu Presidente, Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Mário Ayres de Oliveira, o espírito de compreensão e o auxílio que possibilitaram o nosso trabalho.

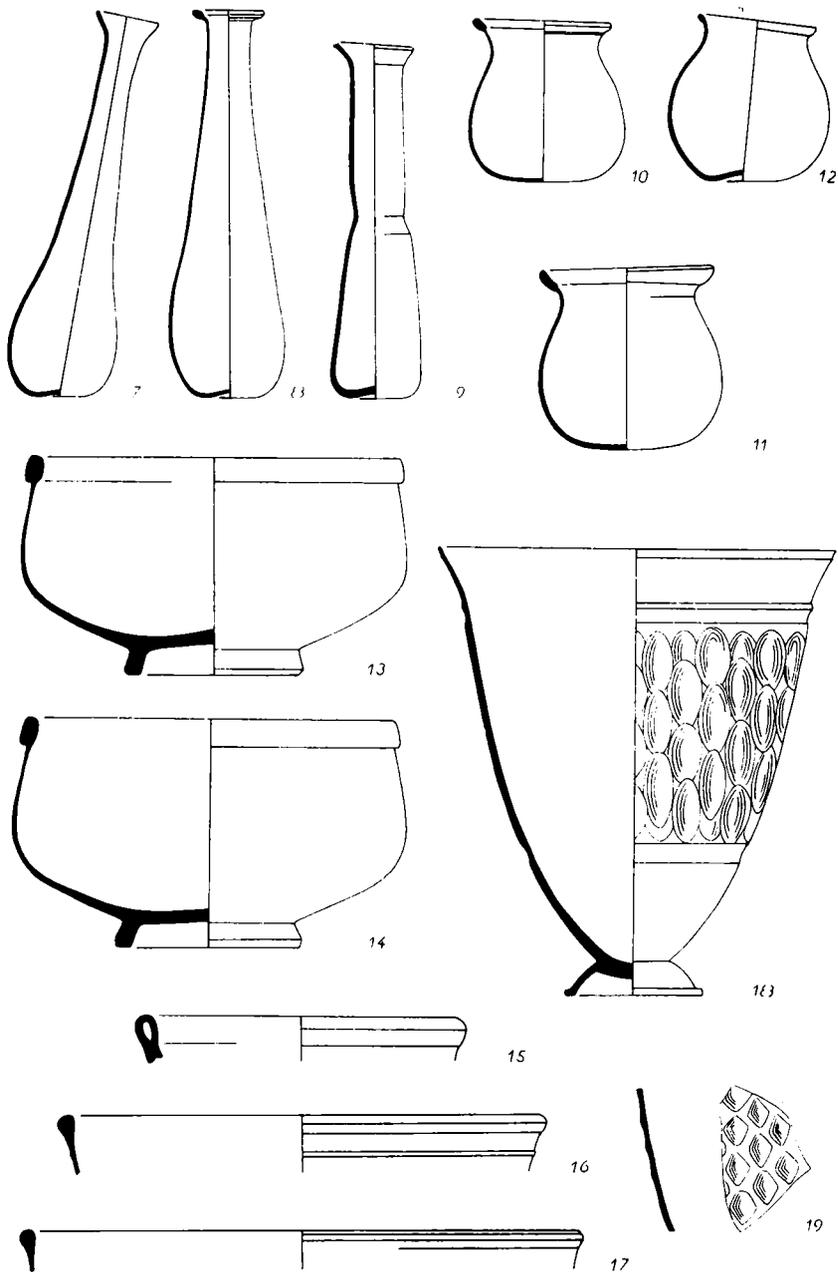
MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA

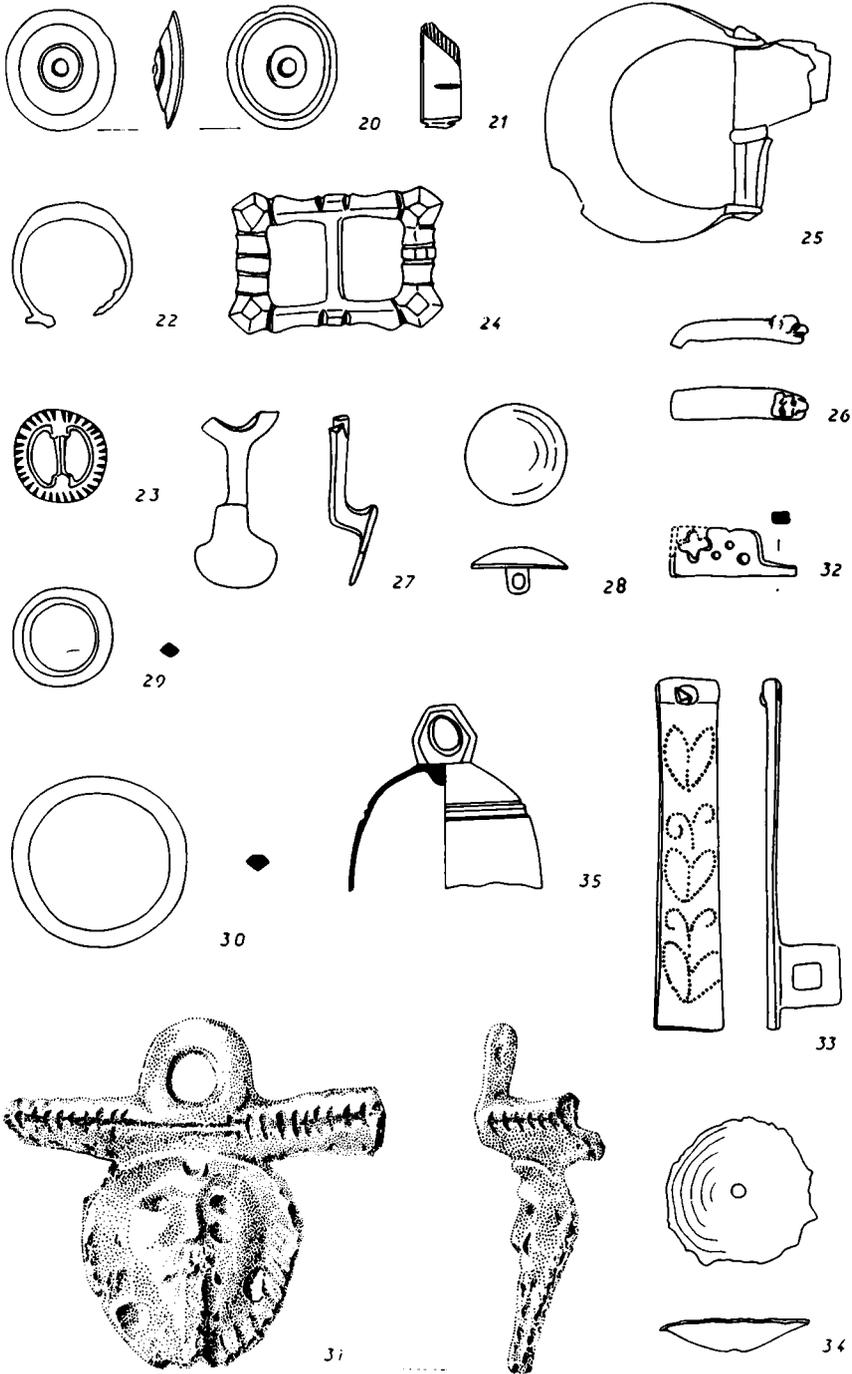
(76) Manuel Torres, «La Peninsula Hispánica, Provincia Romana», *Historia de España*, t. II, Madrid, 1935, pp. 287-487, p. 437, fig. 243: *Cacabulis Sacris Augustis*.

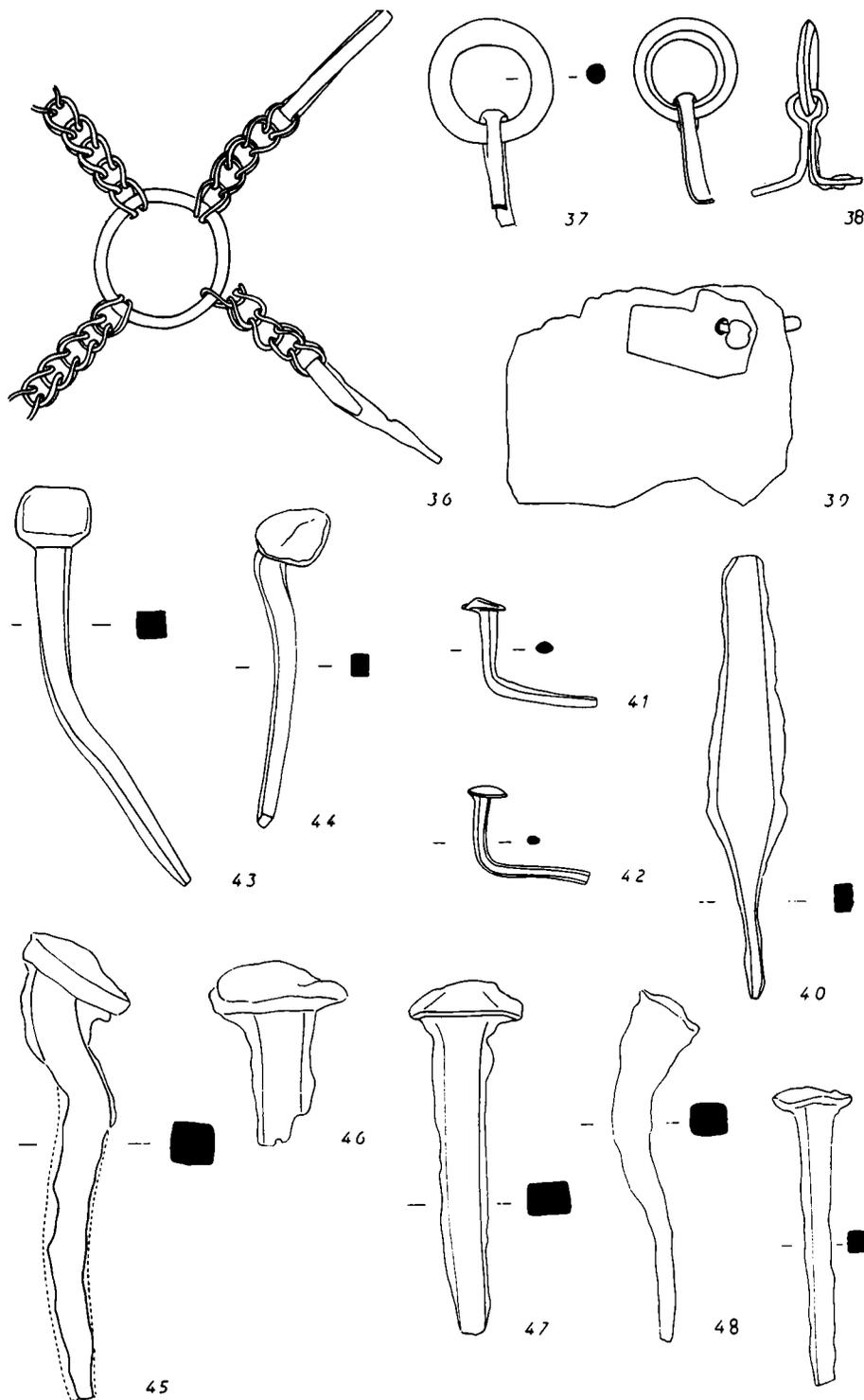


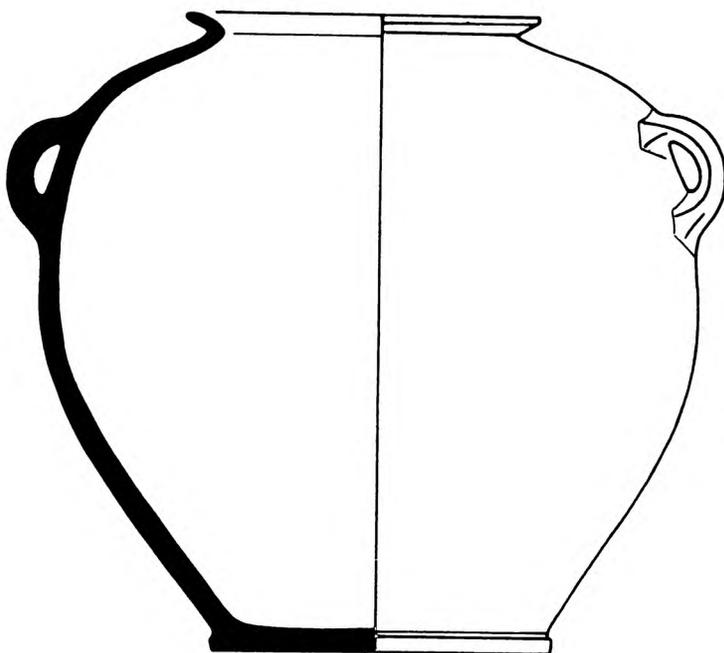
(Página deixada propositadamente em branco)











Escala 1 : 8



Est. VII

